

Calazans será o vice de Caiado

Um dia depois de se comprometer com o candidato a vice do PSDB, Roberto Magalhães, a votar na chapa "tucana," o ex-presidente do Banco do Brasil, Camilo Calazans, reapareceu ontem em público ao lado do presidente licenciado da UDR, Ronaldo — Caiado adversário do senador Mário Covas — anunciado como vice do PSD. Calazans, após ter sido preterido pelos "tucanos" e assediado pelos candidatos do PRN, Fernando Collor de Mello, e do PDT, Leonel Brizola, optou por um partido que ainda tinha a vaga de vice para lhe oferecer.

"Eu nunca postulei ser vice. Sou até contra vices", defendeu-se Calazans, sem conseguir explicar capítulos da novela que o levou a compor a chapa com Caiado. Na sexta-feira, dia 7 — dia em que o PSDB anunciou formalmente a opção por Roberto Magalhães — Calazans se filiou — secretamente — ao PSD. A partir daí, através de um amigo comum, Antonio Álvares, ex-diretor de crédito do Banco do Brasil — os contatos com Caiado se intensificaram. Ao mesmo tempo, Calazans assegurava a Covas e aos parlamentares do PSDB, que tinha assimilado a decisão do partido e que continuaria apoiando o senador, — ninguém me comunicou que Magalhães tinha sido escolhido, portanto eu não devo fidelidade a eles — justificou o ex-presidente do Banco do Brasil, sem esconder que ficara magoado com a decisão da cúpula do PSDB, em favor de Magalhães.

"Centro-esquerda"

O acordo com Caiado já pressupunha, desde o início das conversações iniciadas quinta-feira, a vaga do vice, apesar do ex-presidente da UDR negar qualquer pretensão de Calazans. "Eu tive de fazer três dias de plantão na casa do Camilo para que ele aceitasse", afirmou Caiado, na tentativa de poupar seu companheiro de chapa de constrangimentos junto ao PSDB. Mas nem Caiado, nem Calazans conseguiram uma explicação plausível para que a ficha de filiação fosse assinada na semana passada.

Na quinta-feira à noite, depois que Calazans deixou o escritório de campanha de Covas, onde mais uma vez garantiu seu voto aos "tucanos", o ex-presidente do Banco do Brasil encontrou-se com Caiado e dois articuladores políticos da candidatura do PSD, Cesmar Moura e Osmar Pereira de Barros, pre-



sidente da UDR de São Carlos (SP), para combinar os detalhes do anúncio do vice, já prevendo que causaria impacto e mal-estar junto a ex-aliados de Calazans. A conversa se prolongou até a meia-noite e só ontem pela manhã, Calazans assinou a autorização para que seu nome fosse levado à Convenção extraordinária que o PSD realiza hoje, em Brasília, a partir das 9h00. "Deixei o PSDB porque a campanha estava elitista", acusou Calazans.

Mágoa

Sem nenhuma intimidade com o presidente licenciado da UDR, Calazans tropeçou inúmeras vezes na sua primeira entrevista à imprensa como vice. Disse, reiteradas vezes, que suas conversas com Caiado demonstraram que "não existem divergências intransponíveis" e, ao se referir ao PSDB, partido pelo qual pretendia disputar as eleições, afirmou que "não queria deixar de vez o pessoal que gosta, que 'são meus verdadeiros amigos'". Mas a falta de identidade do candidato do PSD com o seu vice parece superada pela pretensão de Calazans, que a partir de agora, muda o discurso da social democracia pela pregação da solidariedade cristã, "que é o discurso de Caiado", e pela sua ligação histórica com o meio rural. "Minha formação é de economia, dirigida para área rural", afirma.

Quanto ao caráter ideológico da candidatura — já que Caiado é tido como símbolo da direita e dos setores mais conservadores — Calazans se defende: "Ideologia é uma falácia muito grande. E eu continuo centro-esquerda". Do outro lado, Caiado garante que Calazans ficará "mais para o Centro do que para a esquerda".